

7

CAPÍTULO

CONCORDÂNCIA NOMINAL VARIÁVEL E PRÁTICA SOCIAL: IDENTIDADES FEMININAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Andréa Mangabeira

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão baseia-se na discussão de gênero como uma construção social local, que emerge em comunidades de prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992; LAVE; WENGER, 1991; WENGER,

1998). A principal asserção dessa concepção de gênero é a de que discutir as diferenças entre homens e mulheres (como uma oposição binária) é definitivamente relevante. No entanto, essa discussão se torna relevante apenas se essas diferenças são consideradas de um ponto de vista local e situado, em sua relação com outras questões de identidade/diversidade que se tornam relevantes na construção e manutenção das práticas de comunidades locais. Nesse sentido, para uma compreensão mais acurada da maneira como identidades diversas são negociadas e mantidas em comunidades de prática, é preciso analisá-las de uma maneira não linear, mas compreendê-las como um nexo de multiafiliações a comunidades diversas, construído em volta de também diversas práticas sociais (WENGER, 1998). Essa concepção de identidade situa as identidades de gênero como um, dentre outros, aspectos identitários que compõem nexos complexos e locais de identidades sociais.

Como tais, as identidades de gênero não são algo que indivíduos possuem, ou atributos que carregam, mas uma prática social contínua, situada em comunidades. Neste caso, gênero é algo que pessoas reais fazem em suas interações diárias. Tal prática não é construída isoladamente, mas conjuntamente com outras questões identitárias, como idade e ocupação, por exemplo, por meio da negociação de recursos simbólicos, como a linguagem.

Para Eckert e McConnell-Ginet (1992), assumir uma concepção de gênero baseada na diversidade significa observar, com mais atenção, o quão diferentes entre si são os indivíduos agrupados em uma mesma categoria de gênero - quando se assume uma divisão binária -, ou seja, compreender o quão diferentes são as mulheres entre mulheres, e os homens entre homens. Essa compreensão leva à conclusão de que identidades de gênero são negociadas por meio da participação em comunidades de prática, portanto, gênero é construído por esses indivíduos ao participarem dessas práticas, mas é também aprendido nessas comunidades.

Este capítulo tem como objetivo apresentar um recorte de uma análise que confronta dados qualitativos e quantitativos de duas fases de uma mesma pesquisa. A primeira fase se refere a uma pesquisa de mestrado, de orientação qualitativa/etnográfica realizada em 2011, em uma escola de EJA (Educação de Jovens e Adultos) na cidade de Porto Alegre (MANGA-BEIRA, 2012). Nessa fase, buscou-se compreender a negociação de identidades sociais em uma sala de aula de Língua Portuguesa e sua relação com a concordância nominal de número (doravante CN), como um recurso simbólico utilizado na realização de movimentos estilísticos. Na segunda fase da pesquisa, buscou-se obter uma amostra quantitativa de dados de fala, na mesma escola, com vistas a cruzar os resultados de análises multi-

variadas de uso da CN com os resultados qualitativos sobre a configuração social da escola, no que concerne a práticas sociais escolares, em volta das quais emergem comunidades de práticas.

Nesse sentido, no recorte aqui apresentado, foram escolhidos quatro participantes da pesquisa acima mencionada, com vistas a olhar mais atentamente para a questão da diversidade entre indivíduos pertencentes a uma mesma categoria de gênero, para compreender como a construção dessa categoria se relaciona com outras categorias identitárias que se constroem simultaneamente em duas comunidades de prática emergentes na escola: alunos jovens e alunos adultos. Mais especificamente, neste trabalho, parte-se da identificação das duas comunidades de prática supracitadas (principal resultado da fase qualitativa da pesquisa já mencionada) e suas correlações com o uso variável da CN como uma prática social e estilística; para compreender melhor a construção de identidades femininas nas duas comunidades de prática, bem como mostrar que identidades de gênero não são apenas construídas continuamente em comunidades de prática, mas são também aprendidas por meio da participação na comunidade, e no contato com participantes de outras comunidades cujas práticas se sobrepõem à prática em questão.

Devido à utilização de uma metodologia mista de pesquisa, esse trabalho contribui para os estudos sociolinguísticos de orientação quantitativa na medida em que oferece a possibilidade de buscar explicações mais concretas para as relações entre variação sociolinguística e práticas sociais locais. Isto, além de possibilitar uma interface entre resultados macrosociais e resultados de escala mais local, permite fazer uma análise que compreende as categorias de gênero sob o ponto de vista da diversidade entre participantes de uma mesma categoria – aqui, mais especificamente, mulheres –, buscando um olhar diferenciado daquele tradicionalmente adotado na sociolinguística quantitativa, mais focado nas diferenças entre homens e mulheres como uma oposição binária.

7.1 METODOLOGIA DE GERAÇÃO DE DADOS

Os dados aqui analisados são provenientes de uma pesquisa escolar que utilizou metodologia mista de pesquisa (qualitativa e quantitativa). Essa pesquisa teve tanto a geração, quanto a análise dos dados dividida em duas fases.

A primeira fase de geração dos dados aconteceu de agosto de 2010 a julho de 2011, e teve como objetivo principal uma compreensão da configuração social da escola selecionada como campo de pesquisa (aqui deno-

minada Centro do Trabalhador), bem como a compreensão de como essa configuração poderia estar relacionada com a participação escolar dos alunos. O primeiro passo nesta fase de geração de dados, então, foi a escolha do Centro do Trabalhador como campo de pesquisa, pelo fato de a escola ser um centro de referência em EJA na cidade de Porto Alegre. Selecionado o campo de pesquisa, iniciou-se um processo de aproximação ao local, no qual as aulas de diversas turmas foram observadas, para que se desenhasse melhor as perguntas de pesquisa e fosse selecionada a turma que seria sistematicamente observada no semestre seguinte. Assim, os dados focais da pesquisa foram obtidos por meio de observação participante de uma T4¹ (turma 41), durante o primeiro semestre de 2011.

A observação participante teve como principal foco as aulas de Língua Portuguesa, e foi registrada por meio de notas de campo posteriormente convertidas em diários de campo; além disso, observou-se também algumas aulas de Artes e atividades diversas na rotina da escola. Para a formação do conjunto de dados da pesquisa, foi feita ainda a análise de entrevistas semiestruturadas/sociolinguísticas com os participantes focais da pesquisa (alunos e professora de português da turma 41), bem como com membros da equipe diretiva da escola; análise documental do projeto político pedagógico do CT; e o registro audiovisual de 4 aulas de Língua Portuguesa.

Na segunda fase de geração de dados, de orientação quantitativa, com base nas comunidades de prática emergentes na escola, desenhou-se uma amostra de fala composta da seguinte maneira:

Tabela 1: Estratificação da amostra de fala.

Categoria/Gênero	Homens	Mulheres
Jovens	4	4
Adultos	4	4

Para a obtenção da amostra, por meio de entrevistas sociolinguísticas que seguiram o mesmo roteiro das entrevistas realizadas com os alunos na primeira fase da pesquisa, a pesquisa foi retomada, na mesma escola, de março de 2014 a julho de 2014. Tendo como ponto de partida o *corpus* de dados descrito acima, para os fins deste trabalho, lançou-se um olhar mais atento para as seguintes perguntas:

- como a construção da categoria de gênero feminina, se relaciona com a construção das categorias de jovens e adultas no CT?
- como a relação acima pode ser relacionada ao uso variável da con-

1 O Ensino Fundamental na EJA é dividido em 6 totalidades, sendo as três primeiras (T1, T2 e T3) referentes ao primeiro ciclo, e as três últimas (T4, T5 e T6) referentes ao segundo ciclo do Ensino Fundamental.

cordância nominal de número como um recurso simbólico e estilístico?

Nesse sentido, em primeiro lugar realizou-se uma análise multivariada da CN, e seu condicionamento pelas duas variáveis sociais (categoria local e gênero) que orientaram a formação da amostra. Para essa análise, utilizou-se o software Goldvarb e Rbrul. No entanto, no momento da análise, apenas uma parte da amostra (619 *tokens*) estava pronta para análise, o que fez com que a análise no software Rbrul não produzisse resultados significativos, visto que este software requer uma quantidade maior de *tokens* para que as categorias sejam selecionadas na análise. No entanto, no Goldvarb, foi possível a obtenção de uma análise com significância relativamente alta ($p = 0.01$). Ainda assim, utilizou-se o Rbrul para a análise do uso da CN para cada um dos participantes analisados, dentro da classificação “efeitos aleatórios”, que designa a frequência de aplicação da marca e o peso relativo de cada fator, mas não designa significância. A análise dos efeitos aleatórios foi utilizada apenas para corroborar os outros resultados encontrados.

Uma vez realizadas as análises multivariadas dos dados de CN para as variáveis sociais relevantes na pesquisa, foram selecionadas quatro participantes da pesquisa citada anteriormente (2 jovens e 2 adultas), com vistas a realizar uma análise mais atida às identidades femininas.

Quadro 1: Participantes selecionadas.

JOVENS	ADULTAS
Marília Carla	Lúcia Berenice

Depois de selecionadas as quatro participantes, voltou-se aos dados qualitativos/etnográficos concernentes à sua participação escolar e nas comunidades de alunos jovens e adultos – por meio de suas participações em sala de aula, e em seus relatos nas entrevistas – para que considerações a respeito de suas trajetórias e identidades de participação pudessem ser feitas e confrontadas com os resultados das análises dos dados de fala.

7.2 COMUNIDADES DE PRÁTICA NO CENTRO DO TRABALHADOR E USO VARIÁVEL DA CN COMO RECURSO SIMBÓLICO

A compreensão da configuração social do CT exigiu o entendimento das práticas sociais e escolares locais que ali emergem, por meio de uma

pesquisa etnográfica. No entanto, para completar o quebra-cabeças completamente, foi necessário buscar as últimas peças na história da escola e da própria EJA no Brasil.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil foi institucionalizada oficialmente no ano 2000, como uma modalidade de educação básica, e não uma mera adaptação da educação regular. A EJA foi inicialmente planejada para ser uma modalidade de educação para adultos, a qual incluiria alguns jovens adultos que vivessem uma vida prematuramente adulta. No entanto, nos últimos dez anos, a EJA se tornou o destino final de adolescentes que não atendem aos moldes estabelecidos pelo sistema regular de educação, por diferentes razões: desempenho acadêmico; disciplina; e desafios psicológicos, neurológicos ou físicos. Essa migração de alunos da educação regular para a EJA (referido na literatura especializada na área como “Juvenilização da EJA”) só não é de maior escala, porque a lei estabelece as idades de 15 e 17 anos como idades mínimas para o ingresso no Ensino Fundamental e Médio respectivamente na EJA.

Neste cenário, o Centro do Trabalhador emerge como um local muito singular, uma vez que carrega uma história longa que antecede a própria criação da EJA como modalidade de educação. A escola foi criada em 1989 como uma iniciativa de um grupo de educadores interessado não apenas em alfabetizar adultos, mas também em lhes oferecer a experiência de uma educação regular compatível com suas rotinas de trabalho. Uma vez que a criação da escola foi motivada pela intenção de escolarizar trabalhadores da cidade, especialmente funcionários da prefeitura, a escola ficou historicamente conhecida como “uma escola para adultos trabalhadores”, e ultimamente considera-se que “a escola foi invadida por uma onda de adolescentes”².

A profunda mudança que aconteceu na escola, no que diz respeito ao seu público, pode ser percebida no excerto abaixo, retirado de um dos diários de campo produzidos no período de observação participante:

(1)

Gabriela começa a falar a respeito da situação dos alunos adultos. A orientadora diz que qualquer escola de educação básica é obrigada por lei a aceitar alunos menores de 18 anos, e não pode aceitar alunos maiores de 18 anos. Por isto, o Paulo Freire é uma escola para adultos. A orientadora diz que entende o motivo de alguns alunos adolescentes estarem ali, por precisarem trabalhar o dia todo, e por terem uma “vida de adulto”. Lili toma o turno, e diz que o nome da escola já diz que é uma escola para trabalhadores,

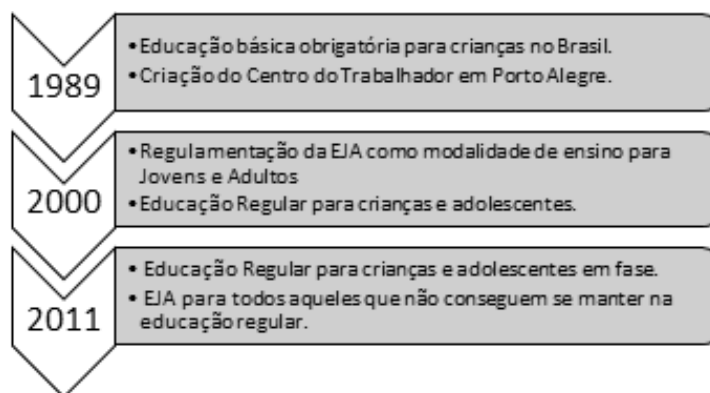
2 As passagens entre aspas neste parágrafo foram retiradas de diários de campo e entrevistas com a equipe diretiva da escola e alunos.

seja de que idade for, e que não é uma escola para quem quer ficar fazendo o que for durante o dia, e prefere estudar a noite, sem levar a escola a sério. Gabriela diz que a escola, dali em diante, tomará medidas protetivas que favoreçam os alunos trabalhadores, para que seja garantido que eles possam estudar. Durante toda a fala, as duas mulheres enfatizam bastante a questão de os alunos mais novos estarem importunando os mais velhos.” (Diário de campo - 11/05/2011)

Ainda que o dado acima aponte uma posição que vem dos membros da equipe diretiva da escola, em relação aos alunos Jovens, este mesmo tipo de posicionamento pode ser percebido em muitos outros dados provenientes dos relatos e participações em sala de aula de alunos Adultos, e até mesmo dos próprios alunos Jovens. A própria intervenção descrita acima foi motivada pelo grande número de reclamações recebidas pela direção da escola, provenientes dos próprios alunos.

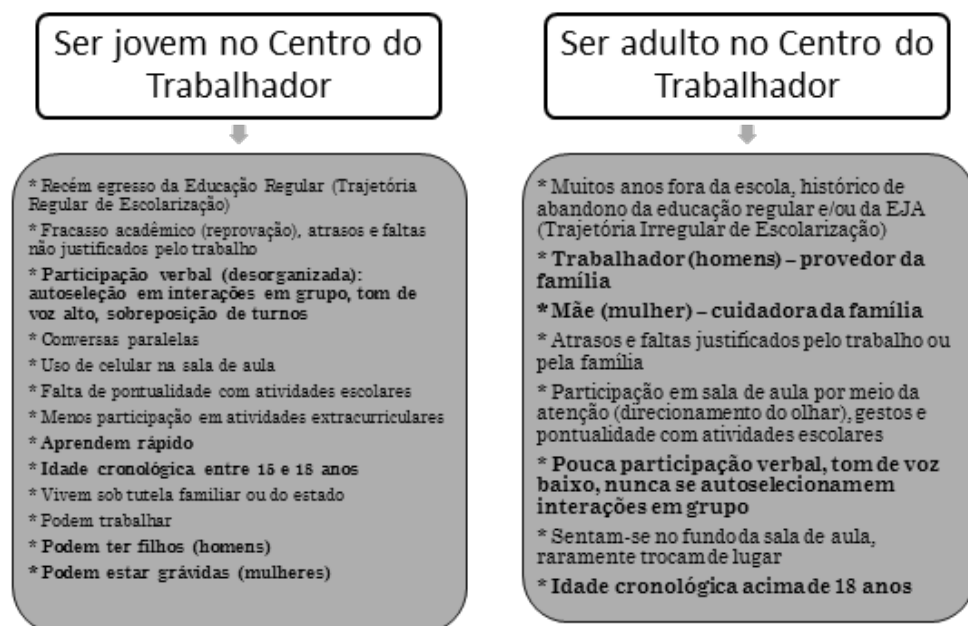
Nesse sentido, o percurso histórico da escola está fortemente relacionado a processos sociais mais amplos que podem ser mapeados no sistema de educação brasileiro, e está sumarizado na figura 1.

Figura 1: Diagrama da história do CT.



Assim, a análise desse conjunto de dados apontou para a emergência de duas comunidades de prática entre os alunos da escola, ambas tendo como empreendimento comum sua permanência no sistema escolar. A principal diferença entre as duas comunidades, no entanto, é o entendimento de seus participantes acerca do que significa ser aluno, aspecto crucial para as identidades que sustentam e negociam constantemente em suas práticas escolares. Os principais aspectos identitários dos participantes das duas comunidades estão representados na figura 2.

Figura 2: Diagrama da oposição jovens X adultos no CT.



A descrição dos participantes de uma e outra comunidade feita acima considera um participante típico e pleno de cada uma das comunidades. Evidentemente, existem variações e graus de afiliação às comunidades de prática. Essas afiliações requerem dos participantes a negociação de diversos traços identitários, por meio do capital simbólico que trazem para a escola de suas participações em diversas outras práticas sociais, tais como as que emergem nos contextos familiares, de trabalho e de suas próprias trajetórias escolares anteriores.

Vale ressaltar que essas comunidades de prática se baseiam na idade cronológica de seus participantes, mas não são determinadas por ela. A idade cronológica é apenas um entre muitos outros traços identitários que seus participantes negociam para estabelecer sua participação na comunidade. A idade dos participantes se torna relevante nessas comunidades justamente porque, na estrutura macrosocial em que as comunidades emergem, os outros traços identitários a serem negociados estão atrelados a um desenvolvimento da vida social do indivíduo que se organiza em torno de sua idade cronológica.

No entanto, como destacado na figura 2, muitas outras questões emergem como relevantes nessas comunidades. Uma delas é o fato de que, ainda que os jovens gozem de menos prestígio como público preferido na escola,

são reconhecidos como o público que aprende rápido, que participa nas discussões, que tem voz ativa. Acredita-se que essa participação escolar mais alinhada ao que se espera, hoje em dia, de um aluno tenha relação com o fato de que esses jovens não interromperam sua escolarização. Em sua maioria, têm um histórico de reprovação na educação regular, e são mandados para a EJA quando completam a idade mínima, no entanto, não interrompem a escolarização por mais de dois anos.

A questão do gênero emerge entre esses traços identitários. Ela emerge como diferenças entre homens e mulheres mais fortemente, e isso pode ser esperado, visto que as comunidades emergem em uma sociedade com um longo histórico de práticas sociais generificadas, com base em uma oposição simplista e binária entre homens e mulheres. Entre os alunos jovens, é possível encontrar homens que já têm filhos, mas que seguem estudando; entre as mulheres jovens, no entanto, foi possível encontrar apenas uma garota grávida, que por sua vez deixou de ir à escola quando o filho nasceu e, até 2014, não havia retornado, pelo menos não ao Centro do Trabalhador. Isso pode estar relacionado ao fato de que, entre os Adultos, todos os homens trabalham fora, e todas as mulheres são donas de casa, assim como todos os homens declararam ter parado de estudar, porque precisavam sustentar a família, mas voltaram devido às pressões do mercado de trabalho; enquanto todas as mulheres declararam ter parado de estudar para cuidar da casa e dos filhos, e retornaram agora que os filhos estão criados.

Assim, em primeiro lugar, buscou-se compreender se a CN, neste espaço social, é utilizada ou não como índice de afiliação a essas comunidades de prática. Buscando esta resposta, realizou-se uma análise no Goldvarb que revelou os resultados da tabela 2.

Tabela 2: CN e categoria local.

Categoria Local	Peso Relativo	N/Total	Frequência
Jovem	.434	260/320	81.2
Adulto	.571	214/299	71.6
Input: 0.234			

Os resultados da tabela 2 mostram que a participação na comunidade de prática dos adultos favorece a aplicação da marca de plural (.571), enquanto a participação na comunidade dos alunos jovens desfavorece (.434). Este resultado está bastante alinhado a resultados de pesquisas sociolinguísticas acerca desta variável no português brasileiro, e na sociolinguística como um todo, que apontam falantes mais velhos como favorecedores das variantes mais conservadoras, principalmente quando essas variantes representam a forma padrão da língua.

Além disso, os resultados corroboram também os resultados qualitativos da pesquisa. A escola é a principal agência de letramento, na maior parte das sociedades, ao menos, ela é a representante da modalidade de letramento legitimada nas esferas sociais institucionais. Como tal, a escola aparece como a representante do acesso à língua padrão, que é também a variedade linguística legitimada em esferas institucionais. Tendo em vista que os alunos adultos são os que mais se alinham ao público preferido da escola, é compreensível que favoreçam ao uso das variantes linguísticas legitimadas no espaço escolar.

Os jovens, por sua vez, além de não ser o público preferido, muitas vezes, sentem-se como estranhos neste lugar escolar desenhado para adultos, a maioria deles reconhece o valor da escola, mas declaram em suas entrevistas que sentem falta dos amigos e de suas escolas antigas, das quais, na maioria dos casos, saíram involuntariamente. Pensando por este lado, é natural então que busquem negar as variantes linguísticas que representam este espaço ao qual eles não pertencem.

Além disso, de acordo com Eckert (2000), é justamente quando não se tem acesso a práticas concretas de negociação de identidade, que mais se recorre a recursos simbólicos para este fim. Ainda que os adultos no CT sejam considerados o público mais legitimado na escola, não são os que sustentam a identidade de melhor desempenho escolar: participam pouco nas discussões e considerados mais devagar no aprendizado. Nesse sentido, tendo em vista que o uso de variantes padrão da língua está também mapeado em pesquisas sociolinguísticas como associado a públicos mais escolarizados, é também natural que lancem mão do uso dessas variantes para sustentar também uma identidade de bom desempenho escolar.

Claro que essas são apenas tentativas de explicar os resultados quantitativos encontrados, mas ainda é preciso reflexão a respeito dessas associações, bem como análises multivariadas mais robustas, visto que há problemas que precisam ser resolvidos. Um deles, como será mais bem discutido nas considerações finais, é o enviesamento da amostra, visto que os alunos adultos favorecem a aplicação da marca, mas os alunos jovens apresentam uma frequência de aplicação da marca mais alta.

Para os fins deste trabalho, não foi realizada uma análise multivariada considerando a variável social gênero. Isto, porque, como já explicado anteriormente, o objetivo aqui é olhar para as trajetórias de participação de algumas mulheres jovens e adultas e compreender como ser jovem e ser adulto no CT está relacionado com a construção de identidades femininas; além disso, busca-se compreender como as identidades de mulheres jovens e adultas se relacionam, visto que, entre os traços identitários das duas comunidades é possível enxergar alguma continuidade, possivelmente apren-

dizagem, como será discutido na próxima sessão.

7.3 IDENTIDADES FEMININAS E USO VARIÁVEL DA CN

O interesse em analisar mais de perto estas quatro participantes (Carla, Marília, Berenice, Lúcia) veio do fato de que, na primeira fase da pesquisa, elas se revelaram como participantes icônicas em suas comunidades de prática. No entanto, ao longo do tempo de observação participante aconteceu simultaneamente um rearranjo nas relações entre essas quatro participantes: a gravidez da aluna jovem Carla.

Em primeiro lugar, observou-se o tipo de relação estabelecida entre as duas alunas jovens: Carla e Marília, visto que as duas relataram, em suas entrevistas, serem muito amigas, o que pôde também ser observado nas aulas de Língua Portuguesa, nas quais se sentavam sempre juntas, e estavam sempre engajadas em conversas paralelas à aula. Além disso, as duas alunas estavam sempre juntas fora das aulas, e compartilhavam o mesmo grupo de amigos, homogeneamente composto por alunos Jovens, que elas disseram encontrar fora da escola e nos fins de semana³. O quadro 2 descreve o perfil das duas alunas.

Quadro 3: Oposição jovens x jovens

CARLA	MARÍLIA
Mulher	Mulher
Jovem	Jovem
Origem Urbana	Origem Urbana
Classe social baixa	Classe média baixa
Possui emprego fixo de atendente em uma lanchonete	Apenas estuda
Vive sob tutela da mãe	Vive sob tutela do pai e da mãe
Grávida	Bastante participação verbal nas aulas
Participa das aulas mais por direcionamento do olhar e anotações no caderno.	Bastante autoseleção em interações em grupo
Participação verbal quando é selecionada pela professora	

3 Vale apontar que a até o mês de maio, ninguém na escola sabia da gravidez de Carla, que ainda não aparecia. Em entrevista, a participante disse não ter conhecimento da gravidez até estar no quarto mês de gestação.

Ao olhar para o perfil das duas participantes, é possível notar que, ainda que as duas se apresentem como participantes icônicas em sua comunidade, principalmente em decorrência de suas trajetórias escolares similares, elas não negociam os mesmos traços identitários. Isto mostra que, mesmo sendo participantes da mesma categoria social e de gênero, existe diversidade entre as participantes, por isso é tão relevante olhar para as particularidades de suas trajetórias.

Marília é uma aluna jovem, recém-egressa da educação regular, proveniente de classe média baixa, mora com os pais e o irmão, e apenas estuda. É importante ressaltar que Marília é considerada uma excelente aluna na escola, ainda que seja iconicamente jovem, devido à sua participação em aula e bom desempenho. Já Carla é também jovem, recém-egressa da educação regular, e mora com o irmão e a mãe apenas, seu pai não é mencionado em ponto algum da sua narrativa. Durante a entrevista, Carla diz ter acabado de começar a trabalhar como atendente em uma lanchonete, prática tão recente quanto a sua gravidez que começa a aparecer fisicamente. Quanto à participação das duas alunas nas aulas, Marília tem uma participação iconicamente jovem, enquanto Carla, ainda que seja uma aluna jovem, negocia, neste aspecto, traços de participação adulta.

As duas alunas adultas escolhidas, Lúcia e Berenice, foram escolhidas por motivos semelhantes à escolha das alunas jovens. As duas declararam em suas entrevistas serem melhores amigas, ainda que tenham também dito que não se encontram fora da escola ou se falam pelo telefone, sua relação é exclusivamente no espaço escolar. Além de terem se declarado melhores amigas, as duas participantes sentavam-se sempre juntas na sala de aula, tendo sido observado inclusive que guardam os lugares uma para a outra. Seus perfis podem ser observados no quadro 3.

Quadro 3: Oposição adultas x adultas

BERENICE	LÚCIA
Mulher	Mulher
Adulta	Adulta
Origem Rural	Origem Rural
Classe social baixa	Classe social baixa
Mãe	Mãe
Dona de casa	Dona de casa
Casada	Casada
	Bastante participação verbal e autoseleção em interações em grupo

Entre Lúcia e Berenice não há variações em relação aos traços identitários que negociam, no que concerne a sua vida fora da escola. No entanto, as duas participantes têm uma participação escolar bastante diversa, tendo em vista que Berenice tem uma participação nas aulas iconicamente adulta, e Lúcia negocia traços de participação jovem, neste aspecto.

O que acontece entre essas participantes? O comportamento mais alinhado à sua comunidade que se pode observar entre Marília, como jovem, e Berenice, como adulta, levanta menos questionamentos, visto que elas parecem traçarem trajetórias bastante condizentes com o que é ser um participante pleno em sua comunidade.

O que intriga, de fato, é o comportamento de participantes como Lúcia, que tem uma participação em sala de aula bastante jovem, ainda que seja uma aluna bastante adulta, no que se refere aos outros traços identitários. No entanto, esse desvio do comportamento esperado para a participante pode ser entendido como um movimento em busca de alinhamento com a escola. Acima de todos os outros participantes, Lucia, em sua entrevista, demonstra um grande afeto pelo CT, tendo estudado lá sua filha e suas duas irmãs, antes dela, além de ela ter sido aluna da escola desde o início do Ensino Fundamental. Como já mencionado anteriormente, ainda que os adultos gozem de mais prestígio na escola, como público preferido, são os jovens que parecem atender às expectativas com relação ao que é ser um bom aluno, ter um bom desempenho escolar.

Nesse sentido, Lucia parece ter aprendido nas práticas escolares novos traços identitários, que podem colocá-la numa posição mais legitimada dentro da escola. Sua convivência com participantes da comunidade de prática jovem, parece-lhe proporcionar a oportunidade de incorporar novos traços identitários dos quais ela lança mão para negociar prestígio em relação à instituição escolar.

No entanto, o caso da participante Carla é ainda mais intrigante, visto que ela parece estar justamente em um momento de transição entre ser uma participante jovem e ser uma participante adulta. Antes de saber de sua gravidez (ou pelo menos antes dela ser visível), Carla era uma participante jovem bastante icônica: chegou à escola como uma aluna que não se adaptou ao sistema regular de educação, após repetidas reprovações; demonstrava pouco interesse nas aulas, sempre engajada em interações no celular e conversas paralelas com Marília; não trabalhava; sempre acompanhada de outros alunos jovens nos períodos fora da aula.

Carla começa a aparentar sua gravidez, o primeiro passo para se tornar mãe que, por sua vez, é o principal traço identitário das alunas adultas. A participante passa a negociar, então, uma série de traços identitários que

são tipicamente adultos, como participar da aula por meio de direcionamento do olhar e anotações no caderno. Além disso, começam a acontecer também mudanças nas redes sociais que ela estabelece na escola, como ela mesma declara em sua entrevista, ao ser questionada sobre ter outros amigos na escola, além de Marília: “Acho que dela, do Fernando e da Laura agora também”.

Fernando é um participante jovem da comunidade (ainda que tenha uma idade cronológica mais condizente com a comunidade adulta), Laura, por sua vez, é uma participante tão adulta, quanto Lúcia e Berenice, e a declaração de Carla de estar se aproximando de Laura é corroborada pelo registro da observação das aulas, em que as duas passam a sentar juntas (na segunda metade do semestre), e ter momentos de interação antes da aula e no intervalo.

Além disso, existe também uma aproximação por parte de Lúcia em relação a Carla, que declara em sua entrevista ter aconselhado a colega, além de estar organizando um chá de bebê:

(2)

A Carla depois que ela engravidou ela tá vindo, participando bastante, porque também eu conversei bastante com ela, tanto que eu tô fazendo o chá de fralda pra ela, porque eu peguei e conversei com ela, porque nós fomos caminhar, tirar umas foto, daí eu peguei e conversei com ela, isolei os outros e fui conversar com ela, falei ‘agora não é só tu, tem que fazer por ti e pela tua filha’ (...) até ontem ela tava falando que gosta das colega dela, que se sente bem no meio dos mais velho, porque eu, assim, não cheguei a falar perto assim de ninguém, eu cheguei e disse assim pra ela “olha você tem que...cê tá faltando aula” (Entrevista com Lúcia)

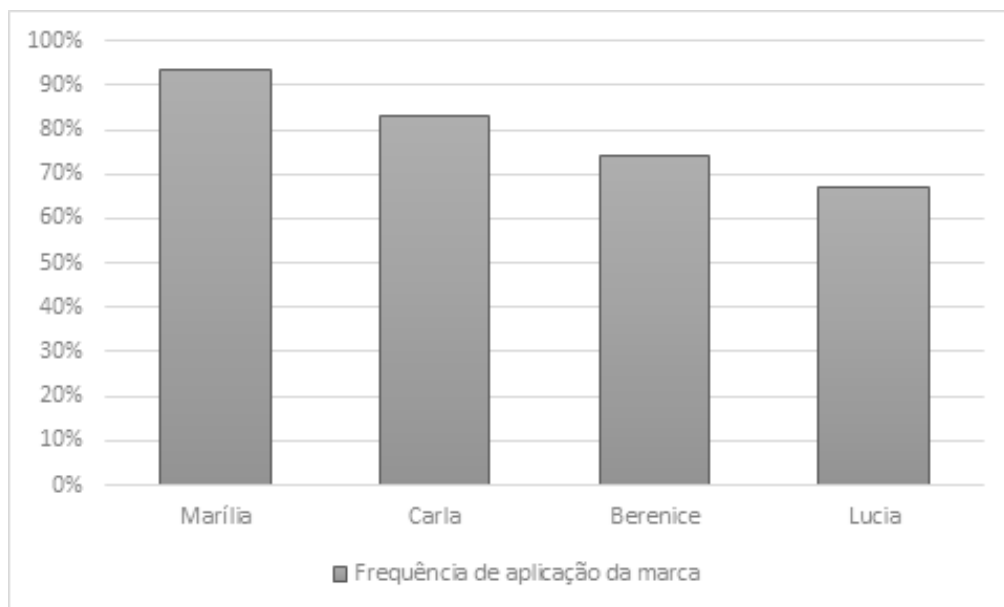
Assim, pode ser visto que as quatro participantes estão em graus diferentes de afiliação a uma e outra comunidade de prática. O caso de Carla torna-se mais intrigante, porque ela parece estar na metade de um contínuo, cujas extremidades são a participação plena em uma e outra comunidade.

A maneira como Carla chega e vai embora do CT corrobora essa asserção, visto que ela chega à escola motivada pela razão que leva os demais alunos Jovens: o fracasso em se manter em conformidade com os rígidos parâmetros da educação regular. No entanto, a aluna deixa a escola, ao fim do semestre, para ter sua filha e não retorna, o que aponta para a possibilidade de uma trajetória de participação muito mais compatível com a das alunas adultas, que deixam de estudar para cuidar de seus filhos.

Tendo em vista então que foi possível estabelecer uma correlação entre

o uso da CN e a afiliação às comunidades de Jovens e Adultos, o que dizem os números sobre o uso que essas quatro participantes fazem da CN em sua fala?

Gráfico 1: Frequência de aplicação da concordância por participante.



Como já apontado quando da metodologia, ainda existem questões/limitações a serem superadas na análise feita, uma delas é o enviesamento da amostra que aponta os Adultos como favorecedores da aplicação da marca de plural (CN padrão), enquanto os Jovens apresentam frequências de aplicação mais altas.

No entanto, ao focalizar as trajetórias de participação dessas quatro participantes, e olhar para as suas frequências de aplicação, é possível justamente começar a traçar hipóteses que expliquem esse enviesamento.

Na escola, como comunidade de fala, a fala jovem está mais associada à não aplicação da marca de plural. No entanto, nessa mesma comunidade de fala, os jovens estão associados a uma falta de prestígio e alinhamento com a instituição escolar. Como explicar então que, entre essas quatro participantes, justamente a participante negocia mais traços de participante jovem tem a frequência de aplicação da marca mais alta?

Marília negocia muitos traços de participante jovem, justamente por isso apresenta-se como uma participante plena em sua comunidade, uma participante que tem bastante competência interacional e domínio de sua prática para lançar mão do capital simbólico que necessita para construir sua identidade de participação. No entanto, além de uma participante jo-

vem, Marília é também considerada uma excelente aluna na escola, o que concede a ela uma posição de mais prestígio em relação a grande parte dos alunos jovens. A argumentação feita aqui é que Marília não é apenas considerada uma aluna excelente, pelo menos não passivamente, ela se constrói como essa aluna excelente, lançando mão de capitais simbólicos como a maneira de participar na sala de aula, mas também o uso padrão da CN, num movimento de alinhamento com uma imagem mais escolarizada, de bom desempenho em uma agência fortemente associada ao uso padrão da língua. Mas, se essa é a argumentação, como explicar o fato de que Lúcia - que também busca se alinhar à escola, e chega a lançar mão de uma participação jovem em sala de aula para alcançar essa legitimação - é justamente quem possui a menor frequência de aplicação da marca entre as quatro participantes?

Lúcia, ao contrário de Marília, já goza de bastante prestígio na escola pelo fato de ser adulta. No entanto, precisa ultrapassar o desafio de não ter uma participação jovem - mais associada a bom desempenho - na sala de aula. Ela o faz de maneira direta, negocia essa participação na própria prática da sala de aula, incorporando para si a maneira jovem e valorizada de participar. Nesse sentido, Lucia tem acesso a práticas concretas para negociar a identidade de boa aluna, enquanto Marília - que não tem acesso direto a práticas sociais adultas - negocia esse prestígio, por meio do uso de recursos simbólicos associados a práticas adultas, como o uso padrão da CN.

Quanto a Marília e Berenice, elas aparecem entre Marília e Lucia, justamente porque encontram-se em posições intermediárias nessa negociação de traços identitários que envolve práticas concretas/negociação direta e recursos simbólicos/negociação indireta.

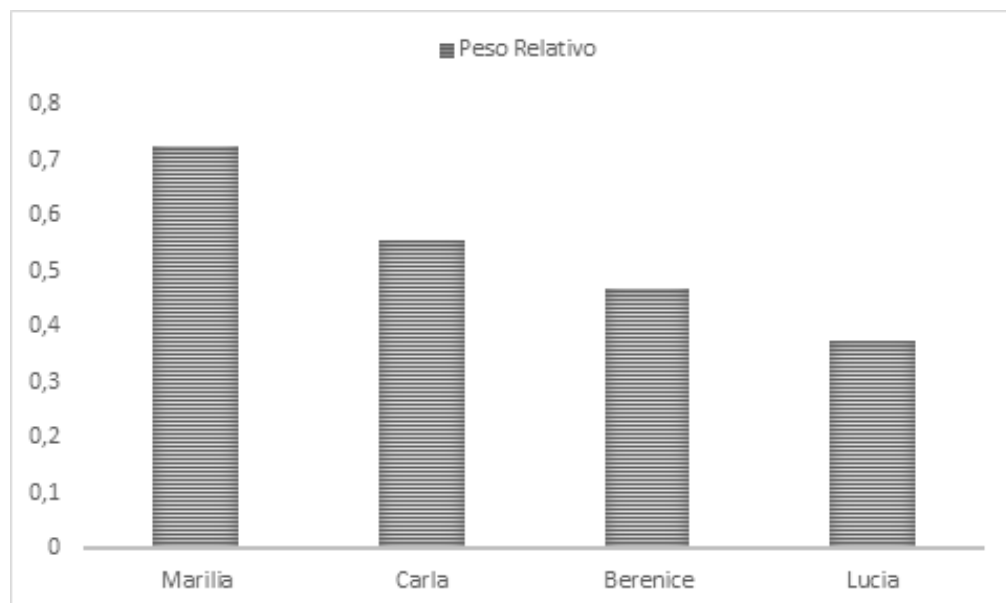
Berenice, ao contrário de Lucia, não negocia traços de participação Jovem na sala de aula, sendo então mais necessário que negocie acesso indireto ao alinhamento à escola, como boa aluna, e o faz por meio de uma frequência de aplicação da marca de plural mais alta do que a de Lucia.

Carla, por sua vez, ao contrário de Marília, tem acesso direto a práticas Adultas, como o fato de estar grávida, ter sido incorporada a uma rede social mais adulta, e ter começado a trabalhar, isso faz com que ela precise menos recorrer ao uso da CN como recurso simbólico. Além disso, ainda que Carla tenha uma frequência de aplicação mais baixa do que a de Marília, ela ainda utiliza a CN padrão mais do que Lucia e Berenice. Tendo em vista que a participante negocia mais traços de adulta do que Marília, mas menos do que Lucia e Berenice, esse resultado se mostra coerente.

Com vistas a corroborar a hipótese, foi ainda feito uso do software

Rbrul, para comparar o peso relativo de cada uma das participantes em relação à aplicação da marca de plural.

Gráfico 2: Peso relativo da concordância por participante.



O peso relativo de cada uma das participantes (analisado como efeito aleatório) acompanha o mesmo movimento que se observou em suas frequências brutas de aplicação: Marília e Carla favorecem a aplicação da marca, enquanto Berenice e Lucia desfavorecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, para finalizar a discussão, é preciso salientar que os resultados e análises aqui apresentados são parciais, fazem parte de um trabalho em progresso. A análise multivariada proposta foi feita com uma quantidade pequena de dados (619 tokens), o que limita os resultados, torna as correlações entre a CN e as variáveis sociais analisadas menos conclusivas. Assim, bem como são parciais as análises e seus resultados, o são parciais também e, acima de tudo, temporárias as explicações que se buscou pra eles. No entanto, o maior empreendimento aqui, que era o de argumentar em favor de um olhar mais alinhado à diversidade do que à diferença na análise de categorias de gênero foi completo.

Estes resultados mostram que a análise quantitativa da fala dos par-

participantes dentro de categorias revela padrões de uso de variáveis linguísticas que são de extrema importância para a compreensão do valor social associado a cada variante. No entanto, um olhar mais atento ao uso que cada um dos participantes faz dessas variáveis, informado por dados qualitativos/etnográficos acerca de sua participação em comunidades de prática é também relevante para compreender como eles lançam mão dos valores sociais associados às variáveis, em movimentos estilísticos de negociação de identidade.

Além disso, a análise desenvolvida aqui mostra que gênero é sim algo que se faz constantemente em comunidades de prática, mas também é algo que nelas se aprende. As trajetórias de participação em comunidades de prática são únicas, mas os participantes aprendem uns com os outros o valor do capital simbólico disponível na comunidade, os significados sociais associados a determinadas práticas: recortam e colam aspectos de outras trajetórias de participação para compor a sua própria. E é por meio dessa aprendizagem que são bem sucedidos em seus movimentos estilísticos, que reclamam para si certas identidades e estilos de persona (ECKERT, 2008), mas também criam novas identidades e estilos que são incorporados pela comunidade. Carla aprende com Lucia e Berenice como ser adulta, mas também ensina a elas o que é ser jovem naquele lugar (que possivelmente difere bastante das representações de ser jovem que elas trazem consigo), ao criar a identidade de uma Jovem aprendendo a ser adulta.

Por fim, o que mais se buscou argumentar aqui é que a compreensão das categorias de jovens e adultos não é tão completa isoladamente, quanto o é quando associada a questões de gênero que emergem na comunidade. Também não é completa a compreensão da construção local das categorias de gênero, sem a compreensão de como elas se relacionam com essas categorias locais. Acima de tudo, é preciso afirmar que, neste espaço social específico, a simples oposição entre homens e mulheres não daria conta de toda a complexidade que emerge.

REFERÊNCIAS

- ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. Variation and the Indexical Field. **Journal of sociolinguistics** v. 12, n. 3, p. 453-476, 2008.
- ECKERT, P; MCCONNEL-GINET, S. Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology**, v. 21, p. 461-490, 1992.
- ECKERT, P. **Language and Gender**. New York: Cambridge University Press, 2002.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: Legitimate peripheral participation**. Cambridge: University of Cambridge Press, 1991.
- MANGABEIRA, A.B.A. **Participação, Identidade e Variação na EJA: o uso variável da concordância nominal de número como recurso simbólico e estilístico na construção de uma comunidade de prática na sala de aula de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012
- WENGER, E. **Communities of Practice**. New York: Cambridge University Press, 1998.

